

- U. F. R. J -  
BIBLIOTECA  
- IPPUR -

SAUDE, GAMBOA E SANTO CRISTO - Considerações  
acerca dos valores atribuídos à região e sua  
importância para a manutenção da área.

*B  
Adant*

*CONCEITO - A  
Robert Pechman*

IPPUR UFRJ - MONOGRAFIA FINAL  
ANGELA MARIA BARBOSA HOFMEISTER  
ORIENTAÇÃO: ROBERT M. PECHMAN  
RIO DE JANEIRO - 1989

SECRET

NOTA EXPLICATIVA

A princípio, o objetivo deste trabalho seria o de analisar a legislação de preservação do patrimônio artístico e cultural vigente no Município do Rio de Janeiro, especialmente no que concerne aos bairros da Saúde, Gamboa e Santo Cristo e verificar a interferência desta legislação no processo de valorização destes bairros. O interesse em fazer esta análise partiu do fato de a Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro vir promovendo a criação de várias Áreas de Preservação Ambiental (APA), a fim de que "nelas a ambiência, a atmosfera, a alma dos lugares fique guardada, e à disposição de todos" (1). Nestas APA's, fica proibida a demolição de um grande número de bens arquitetônicos e criam-se parâmetros bastante rígidos para as reformas e/ou construções e reconstruções a serem executadas. Evidentemente, esta ação de preservação interfere no processo de valorização capitalista do solo urbano e com a dinâmica de crescimento da cidade. No entanto, a observação das áreas existentes (das quais o Corredor Cultural (2), Sul do Corredor Cultural, Saúde, Gamboa e Santo Cristo - SAGAS -, Santa Teresa, Urca, São Cristovão e Bairro Peixoto são as principais), algumas já consolidadas, outras em processo de consolidação, mostra que parece haver, ao invés da desvalorização e degradação consequentes ao fato de serem colocadas de fora do processo de valorização adensador e modernizador, apoio por parte da população moradora à criação destas APA's, que passam a ser conservadas e renovadas dentro dos novos critérios, trazendo um novo processo de valorização no qual os imóveis

têm valor pelo que são e não pelo que podem vir a se tornar, ou seja, pelo quanto de lucro se pode auferir através do adensamento da ocupação do solo. No entanto, durante o levantamento de dados para a pesquisa, verifiquei que, devido ao pouco tempo decorrido entre a criação da APA do SAGAS e a proposição da pesquisa (os primeiros estudos — projeto SAGAS — datam de 1983 e o decreto que efetivou a proposta é o Decreto nº 5459 de 8/11/85), os dados disponíveis ainda não são suficientemente representativos para que se possa chegar a qualquer tipo de conclusão. Mas, a partir da observação empírica do Corredor Cultural notei que parece existir um "tempo de reação" para que os primeiros resultados do programa de preservação se tornem concretos. No caso do Corredor Cultural 10 anos transcorreram para que as mudanças introduzidas se tornassem visíveis e a partir daí parece haver um crescimento em progressão geométrica das transformações. Dada a inviabilidade de seguir a linha de pesquisa escolhida de início, neste momento, resolvi então redirecionar o trabalho para a análise da valorização cultural do SAGAS, no que existe de referência dos espaços do bairro para seus moradores e de referência daquela área específica para a cidade como um todo, por entender que valorização imobiliária e valorização cultural são processos que, embora em leitos separados, ora correm paralelos, ora se tocam, ora se distanciam, dependendo das especificidades de cada lugar e de cada momento histórico. Pretendo portanto analisar a valorização cultural do SAGAS tendo em mente a possibilidade de que esta análise sirva de base para que, num momento futuro, estando a área já mais amadurecida do ponto de vista da consolidação da preservação ambiental, possa ser retomada a linha original de

- O. F. R. J. -  
- 1970 -  
- IPPUR -

pesquisa sobre a valorização imobiliária daqueles bairros.

Acredito que tal pesquisa é tão mais importante quando se descortina no horizonte a possibilidade de acontecerem profundas mudanças no caráter mesmo da área caso se concretize a mudança do Porto para Sepetiba, seguindo a tendência atual de automação e especialização dos portos, uma vez que a ocupação da área se fez de modo intimamente ligado às atividades portuárias.

**INTRODUÇÃO**

Duas áreas, dois destinos: SAGAS e SANTA TERESA.

Nas duas áreas, os morros. Entre as duas áreas, aproximadamente equidistante de ambas, o núcleo central de ocupação da cidade. De um lado, um certo isolamento, de outro a integração à malha viária da cidade. De um lado, os usos "sujos" (entendidos como "as funções indispensáveis ao funcionamento da cidade, que por serem marcados por consumo de áreas ou poluição sonora ou visual, devem ficar próximas ao centro, mas não tanto a ponto de macular sua simbólica imagem" (3): o depósito dos presos (Aljube), o depósito de escravos (Valongo), o cemitério dos Pretos Novos, o cemitério dos Ingleses, os armazéns (depósitos de mercadorias), os trapiches, o Porto, uma população pobre. Do outro lado as chácaras, os estrangeiros, o uso nobre da moradia dos ricos.

O que levou estas áreas a destinos tão diferentes? Pelas suas características físicas e geográficas, seria de esperar que fossem muito semelhantes em termos de ocupação, em que pese certa diferença de acessibilidade, visto que a área do SAGAS se encontrava, por assim dizer, espremida entre o mar de um lado e os mangais e áreas alagadiças de outro. Mas esta não é uma explicação satisfatória, na medida em que abrange somente a diferenciação de usos ocorrida num primeiro momento. Logo as dificuldades maiores de acesso foram superadas e hoje em dia pode-se dizer que as duas áreas desfrutam de uma posição privilegiada em relação ao centro. No entanto, as diferenças subsistem.

A diferença de usos pode ser explicada por injunções históricas. No entanto, é preciso não esquecer que existe um valor cultural agregado a cada uso. Este valor cultural pode ser positivo ou negativo, e dependendo desta polaridade poderá atuar no direcionamento dos investimentos do Capital em cada área. No caso do SAGAS houve uma valorização cultural negativa profundamente arraigada aos usos que ali se estabeleceram através da história. Acredito ser bastante sintomático, neste sentido, o fato da legislação anterior ao Decreto da Preservação Ambiental considerar a área adequada para o uso industrial e inadequada para o uso residencial, apesar de ser este o uso predominante não só à época da elaboração do Decreto, como ainda hoje. Parece mesmo que a vocação residencial ficou "escondida" atrás dos usos "sujos", como se os valores agregados a um impedissem a percepção do outro.

Novamente usando o exemplo do Corredor Cultural, por ser a área mais consolidada de preservação, vemos como uma área central, de ocupação da virada do século, eminentemente comercial e portanto na qual o imóvel tem um valor econômico diretamente ligado à sua localização, em que o âmago do Modo de Produção Capitalista está mais aparente, sofre um processo de revalorização a partir do resgate de valores essencialmente culturais e como este processo vai se intensificando à medida em que se consolida. Esta observação permite que se possa esperar a repetição deste processo em outras áreas de preservação (o que, como foi dito, pretendia-se avaliar neste trabalho mas verificou-se não ser possível em razão do pouco amadurecimento da área a estudar). Daí, devido à especificidade do Cor-

redor Cultural como área comercial, a escolha de Santa Teresa como contraponto a esta primeira análise que se pretende fazer da alteração do valor cultural agregado à área do SAGAS como possível mola impulsionadora da alteração do valor econômico da área, posterior à sua definição como Área de Preservação Ambiental.

Partindo de um rápido histórico do crescimento e da ocupação da cidade, com ênfase especial para a inserção das áreas de SAGAS e Santa Teresa neste processo, procurarei analisar o que se pode inferir acerca dos valores culturais atribuídos a cada uma destas áreas.

A percorrê-las, um escritor: Machado de Assis, que veio do Morro do Livramento, próximo à Gamboa e, cumprindo uma trajetória bem sucedida de ascensão social, chegou a Botafogo, próximo em representatividade à Santa Teresa. Nos seus romances, um retrato da vida da época tanto num lugar quanto noutro. A análise de tais fatores na segunda metade do século XIX será feita através, principalmente, da leitura das obras "Memórias Póstumas de Brás Cubas" e "Quincas Borba", de Machado de Assis, para chegar à compreensão das especificidades e das diferenças que marcam ainda hoje estes bairros, dos valores e das barreiras culturais que aí atuam.

HISTÓRICO

Os primórdios da ocupação dos bairros hoje conhecidos por Saúde, Gamboa e Santo Cristo datam do sec. XVII . Limitada pelo litoral a Norte, Leste e Sul e pelo Mangal de São Diogo a Oeste, a área abrangia os Morros de São Diogo, Livramento, Paulo Caieiro, da Gamboa, da Saúde e da Conceição. Este último, fronteiro ao Morro de São Bento, foi o primeiro a ser mais intensamente ocupado, e sua denominação nasceu da capela aí erigida em honra de N. S. da Conceição. Junto a esta capela, foi construído o Convento dos Capuchinhos, mais tarde transformado no Palácio Episcopal. Também no mesmo morro foi erigida, após a invasão francesa, a Fortaleza da Conceição, de vez que foi constatada a posição estratégica daquele morro para a defesa da Cidade.

Por esta época, a cidade mal havia se expandido para as áreas baixas em torno do Morro do Castelo, que eram conquistadas às águas por meio de sucessivos aterros. Poucas eram as ruas paralelas e transversais à Rua Direita de São Bento, que foram sendo criadas à medida em que se estabeleciam fazendas de açúcar na periferia da cidade. Havia, já então, um caminho a contornar o Morro de Santa Teresa.

Ao longo do século XVII vários outros religio-  
sos, além dos Beneditinos que ocupavam o Morro de São Bento, se transferiram para a região e foram erguidas as capelas de Nossa Senhora do Livramento, no morro do mesmo nome, e a ermida de São Francisco da Prainha, no morro da Conceição. A área se caracterizava ainda como um arrabalde da cidade, com precária integração à malha urbana.

No século XVIII, mais precisamente em 1731, termina a construção do Aljube, prisão construída inicialmente para padres e que mais tarde passou a ser utilizada por presos comuns. A cadeia ficava na rua da Prainha (atual Rua do Acre) e próximo a ela ficava a forca, o que provocou a identificação da área, por cronistas de princípios do século, como uma área que "foi sempre má . Ali a forca espalhava a morte e a prisão evocava lamentos" (4). Também próxima a Rua da Prainha ficava a Igreja de Santa Rita, no largo do mesmo nome, onde eram sepultados os negros recém chegados, antes da criação do Cemitério de Pretos Novos no Valongo.

A faixa litorânea que costeava os morros, desde o da Conceição até o de São Diogo, era formada de chácaras onde se fazia um cultivo de subsistência, cuja presença fez um bloqueio ao avanço das áreas que se urbanizavam naquela direção.

Em meados do século XVIII a população da cidade havia atingido 30.000 habitantes, o que representava um crescimento de 150% em cerca de 50 anos. Com isso, começou a ocorrer uma definição espacial das atividades econômicas e, devido às condições geográficas que criaram enseadas bem abrigadas, algumas atividades portuárias começaram a ser desenvolvidas no litoral da Prainha e da Saúde, embora o trecho entre o Arsenal de Marinha e o Arsenal de Guerra ainda desempenhasse um papel hegemônico no particular. De toda sorte, instalaram-se armazéns e depósitos e com a transferência para aí do Mercado de escravos foi reafirmada a vocação portuária do local. Com isto vários melhoramentos foram introduzidos: os brejos do Valongo foram dessecados, ruas foram abertas, surgiram atividades co-

merciais de apoio ao comércio de escravos e construiu-se o cemitério dos pretos novos, aqueles que morriam logo após a chegada, devido às condições higiênicas extremamente precárias dos navios negreiros. Ao final do século XVIII a abertura de novas ruas (os arruamentos) denota a intensificação da ocupação local, já então de um modo tipicamente urbano. Pouco depois, a chegada da família real em 1808 e a abertura dos portos às nações amigas deram um impulso ainda maior à urbanização, que se generalizava até os Sacos da Gamboa, Alferes e mesmo da Praia Formosa (ocupadas de modo esparsos por pescadores), e às atividades portuárias, que se intensificaram.

11\*6 A cidade de então já se estendia até o Campo de Santana e a área ora em estudo se ligava a ela através da Rua da Prainha (do Acre), que se prolongava na Rua do Aljube e Rua do Vallongo (Camerino), contornando assim o Morro da Conceição e terminando próximo à praia do Vallongo. Em direção ao Campo de Santana a ligação era feita através da Rua Larga de São Joaquim (Marechal Floriano), que podia ser atingida também pela Rua Formosa (Gen. Cadwell). "

O Mercado de escravos, malvisto e lucrativo, se estabelecera definitivamente no Valongo, onde, além dos depósitos de escravos — vivos e mortos, pois o que era o cemitério senão um depósito de mortos? — situavam-se casas de engorda (para que a mercadoria alcançasse melhor cotação no mercado), escritórios de corretagem, fábricas de instrumentos de ferro para a "correição" dos negros e tabernas frequentadas pelos corretores deste funesto mercado: marinheiros e ciganos.

*História, urbanismo  
negros*

Em 1828, o Valongo era considerado pelo naturalista francês Vitor Jaccquemont o pior bairro da cidade, devido ao espetáculo de miséria que se desenvolvia em torno do mercado de escravos.

Em 1831, o mercado começou a ser gradualmente desativado devido às pressões inglesas contra a escravidão, tendo sido extinto o depósito de escravos e desarmada a força.

Mas não eram somente os negros que eram sepultados na região. No morro da Gamboa instalou-se, em 1809, o cemitério protestante ou cemitério dos Ingleses, o primeiro a ser destinado ao sepultamento de pessoas livres ao ar livre, pois os católicos tinham por hábito, até cerca de 1830, o sepultamento em igrejas.

Ao declínio do mercado de escravos, sucedeu-se o novo impulso dado aos embarcadouros da Prainha à Gamboa pela instalação ali de armazéns de café. Novos cais foram construídos à custa de aterros na orla e tratou-se de desimpidir ruas e becos para garantir maior facilidade à circulação das mercadorias. Neste momento, provocada pela mudança da principal mercadoria ali comerciada, dos escravos para o café, houve um processo de substituição de atividades, pescadores dando lugar aos armazéns, pequenos estaleiros, fundições e serralherias e ferrarias. A urbanização do Saco do Alferes se acelerou, e ali como na Prainha e no Valongo, instalaram-se companhias de navegação para o transporte de passageiros e cargas.

O cais do Valongo foi objeto de melhoramentos, conduzidos pelo arquiteto Grandjean de Montigny, visando o

*Abolição / melhoramento cais*

reflexões urbana

seu embelezamento para a chegada da futura imperatriz Teresa Cristina. Na rua do Valongo, que passou a se chamar Rua da Imperatriz, já havia sido fundado o Colégio Pedro II e, graças aos aterros executados propiciando uma boa melhoria das condições de acesso, já haviam ali se instalado cocheiras e depósitos de carros. A expansão urbana já atingia os morros em que se abriam becos e travessas, e que eram considerados local adequado à moradia, devido à salubridade e beleza do panorama dali descortinado. Os melhoramentos, como calçamento e abertura de degraus nas ladeiras íngremes, eram introduzidos pouco a pouco. Esta expansão era causada não só pelo aumento absoluto da população, como também pelo aumento do valor imobiliário do solo das áreas centrais da cidade, provocando a expulsão da sua população para a periferia imediata. ? NESTA ÉPOCA?

Em meados do sec XIX, graças aos trabalhos de drenagem e aterro das lagoas da Sentinela e do Saco de São Diogo, pode a cidade se expandir em direção aos atuais bairros do Estácio, do Catumbi e de Santa Teresa.

Santa Teresa já contava, desde 1629, com a capelinha de Nossa Senhora do Desterro, à qual se dirigiam romeiros. Seu clima ameno atraía os cariocas, que ali subiam, em passeios de domingo, pela Ladeira de Santa Teresa. Em 1750, é construído o Convento de Santa Teresa, a mando do Gov. Gomes Freire de Andrade. Também do séc XVII é a captação de água do Rio Carióca através de canos que desciam o morro de Santa Teresa pelo caminho que mais tarde veio a se tornar a Rua do Aque-duto, atual Almirante Alexandrino, importante via de acesso e ocupação do morro.

Devido às dificuldades de acesso e ao clima peculiar, Santa Teresa permaneceu, até cerca de 1850, como local de lazer, de veraneio e de moradia de pessoas abastadas que quisessem fugir às epidemias e miasmas da cidade. A partir, então, de 1850, as chácaras começaram a ser desmembradas pela abertura de ruas, como as atuais ruas Cândido Mendes, Paula Matos, Progresso, etc.

Com a ampliação das possibilidades de acesso ao Morro, um número cada vez maior de pessoas de posses passou a lá acorrer.

Ao longo do século, foram frequentes, no Valongo, os pedidos de aterros e construção de cais por parte das indústrias e dos comerciantes que se instalaram próximo ao litoral, como o Moinho Fluminense e a Fábrica Nacional de Vidros São Roque, bem como Companhias de navegação, de tal modo que ao final do século a paisagem e a própria configuração do litoral haviam sido modificadas pela presença dos embarcadouros. A instalação de tais empresas tinha sido estimulada pelo encanamento de gás e esgoto implantado em 1882.

Como consequência da intensificação do comércio, que acompanhara a atividade nos trapiches, criou-se, por volta de 1850, o Mercado da Harmonia, localizado na recém criada Praça da Harmonia. Pouco tempo mais tarde, a integração daqueles bairros à malha viária da cidade, que vinha sendo conquistada passo a passo, sofre uma ruptura com a implantação da primeira linha da recém criada Estrada de Ferro D. Pedro II. O trecho inaugural, que atingia Queimados, provocou a demolição de várias casas de construção recente na rua de São Diogo e o

instalação de embarcadouros (1882-1884)

queimados

seccionamento de várias outras, ocasionando o isolamento das abas dos morros de São Diogo e Providência, e do Nheco (novas denominações de parte dos morros do Livramento e de Paulo Cai-eiro respectivamente). Ou seja, o isolamento natural provocado pelo Mangal de São Diogo era agora reproduzido pela ferrovia. Visto que a ferrovia facilitou a comunicação da cidade com o interior, parte das mercadorias, principalmente o café proveniente das fazendas que se derramavam às margens do Rio Paraíba, passou a ser transportado pelos trens e, para fazê-lo chegar aos trapiches, era intenso o tráfego de carroças entre a estação dos trens e os cais, e o constante movimento de embarque e desembarque, assim como os estragos provocados nas ruas eram incômodos constantes. Por outro lado, ocasionaram um aumento do comércio e serviços nas áreas adjacentes, mas à valorização comercial correspondeu uma desvalorização das moradias nas áreas mais próximas ao caminho das carroças.

Um olhar para a cidade revelaria que a vinda da corte provocara um crescimento acentuado da população, que tinha na precariedade dos transportes um impedimento à expansão dos limites da área urbanizada para além do núcleo central. Desse modo, o estabelecimento de linhas de transportes, primeiramente ônibus e depois bondes, teve um papel determinante na ocupação dos sítios mais distantes.

"O ônibus era um veículo de quatro rodas, dois andares, movido por tração animal (duas ou quatro parelhas), transportando em média vinte pessoas" (5). No entanto em pouco tempo verificou-se a necessidade de melhorar ainda mais o sistema de transportes e em 1868 era inaugurada a primeira linha de

bondes, ligando o Centro ao Largo do Machado. "Os bondes eram veículos puxados por dois animais e que podiam transportar comodamente 30 passageiros. Dentre as vantagens, podemos destacar a rapidez e a suavidade proporcionada pela locomoção sobre trilhos. O bonde encurta as distâncias em função de sua velocidade. Mesmo assim, é preciso lembrar que um trajeto de 11 Km, por exemplo, é percorrido em mais de uma hora" (6).

Em 1872, conta-nos Porto Rocha, é inaugurada uma linha unindo os principais pontos da área central da cidade e privilegiando o transporte de café, o que leva à bancarrota os antigos carroções.

Na mesma época, outra linha é implantada ligando os bairros de São Cristovão, Andaraí Pequeno, Saco do Alferes, Catumbi, e Rio Comprido ao Centro da Cidade (7).

Em 1877 inaugurou-se o Plano Inclinado de Santa Teresa, que ia pela Ladeira do Castro. Este serviço permanece ativo até 1926. Em 1889 passaram a tráfegar os bondinhos de Santa Teresa, que hoje são o último remanescente deste meio de transporte na cidade. A inauguração do Plano Inclinado mereceu artigo de Machado de Assis na "Ilustração Brasileira", em que o autor louva a rapidez do serviço e assinala o inevitável declínio que este tal serviço provocaria às diligências (8). No entanto, isto não se deu, em virtude do aumento do nº de pessoas que passaram a acorrer ao bairro, de modo que já em 1892 era contratado com a Cia Ferro Carril Carioca o prolongamento das linhas no Morro de Santa Teresa até os Morros de Paula Matos e Santo Antônio e do França até o Silvestre, onde se encontraria com a Estrada de Ferro do Corcovado. Em 1896, era inau-

gurada a tração elétrica, e o aqueduto da Carioca era transformado em viaduto de acesso dos bondes à Santa Teresa.

Em 1922, com o desmonte do Morro do Castelo, muitos moradores se transferiram para o Morro de Paula Mattos.

Conta-nos Lia de Aquino (9) que "foi nos últimos anos do século XIX que uma pequena burguesia começou a subir o morro e a ocupar as áreas ainda vazias do espigão, ou seja, as suas encostas. Desse modo, também as ladeiras mais acidentadas começaram a ser ocupadas, com um tipo diferente de construções, menores e menos suntuosas, mas ainda privilégio de uma minoria da população da Cidade".

Se a pequena burguesia habitava às encostas, as áreas mais baixas, próximas ao Catete, à Lapa, à Glória e à Rua do Riachuelo eram procuradas pelas populações expulsas do centro com a reforma de Passos. Aí ocuparam cortiços e casas de cômodos, transformados das casas da elite que ali habitava anteriormente. Este processo fez com que houvesse uma estratificação na ocupação dos morros em que as classes mais abastadas ocuparam a parte mais alta, a pequena burguesia as partes médias e a população de menor aquisitivo as bases dos Morros, onde eram comuns as pensões, o pequeno comércio.

Em meados do séc. XIX, nas ruas do entorno do caminho das carroças entre a estação de trens e o cais começaram a proliferar os cortiços e estalagens. Todas estas mudanças trouxeram, no Valongo, a valorização dos terrenos voltados para o mar, de tal sorte que em menos de 10 anos toda a costa estaria ocupada por trapiches e armazéns; trouxeram também a

*cortiços*

necessidade de melhorar as vias, que foram calçadas e mesmo alargadas. A partir da criação, em 1878, da Capela de Santo Cristo no antigo largo do Gambá, este passou a se chamar praça de Santo Cristo, e como Santo Cristo passou a ser conhecida a área vizinha à Gamboa.

Por esta época o Rio de Janeiro vinha tendo um crescimento notável devido ao seu papel de principal ponto de importação/exportação e de distribuição de bens para o mercado interno. A necessidade de um porto para a cidade se tornava cada vez mais evidente. Diversos estudos de melhoramentos surgiram e criou-se a Doca da Alfândega, entre os Arsenais da Marinha e de Guerra, mais tarde complementada pela construção das Docas D. Pedro II. Inicialmente previstas para atingir as enseadas da Saúde e da Gamboa, as Docas acabaram limitadas ao cais, entre o beco da Pedra do Sal e a praça Municipal, devido a problemas financeiros. Tais melhoramentos ainda estavam longe de resolver a questão do Porto, mas em pior estado estava a questão do transporte das mercadorias que chegaram por via ferroviária, com os armazéns abarrotados em virtude da demora acarretada pelo transporte precário. Para solucionar este problema, foi construído um terminal ferroviário marítimo no Saco da Gamboa, inaugurado em 1876. Com isso, sacramentava-se a vocação portuária da Saúde, Gamboa e Santo Cristo. Também a população que frequentava o lugar ficava definida pelos trabalhadores do porto e das fábricas. E nas partes baixas eram cada vez mais comuns os cortiços, estalagens e os quartinhos de aluguel construídos pelos proprietários nos fundos de suas moradias para servir de aumento ao orçamento familiar, sendo que

as habitações coletivas, mais frequentes na planície mais próxima ao Centro da Cidade, atendiam não só a população diretamente ligada às atividades portuárias e fabris, mas também àquela que havia sido expulsa do Centro da cidade em razão da especialização daquela área nas atividades econômicas e administrativas. <sup>→ \*10</sup> População pobre, era básico que pudesse se localizar próximo a seus locais de trabalho, necessidade suprida pelas habitações coletivas, que, no entanto, seriam tão criticadas como fontes de epidemias nos anos seguintes, para serem finalmente banidas da cidade durante a Reforma de Pereira Passos. A bem da verdade é importante que se diga que o crescimento acentuado da cidade trouxe como consequência precárias condições de higiene, condições tão mais aparentes quanto maior o número de moradias agregadas. A proximidade do porto, com sua febril circulação de pessoas e cargas, agravava ainda mais este quadro.

Toda a modificação ocorrida na cidade refletia as mudanças econômicas representadas pela transição da economia colonial para o capitalismo, iniciada com a inserção do país no mercado internacional a partir da exportação de café em larga escala. Já se notava o desejo de mudar a própria imagem da cidade, a princípio timidamente, apenas pela remodelação de fachadas com a substituição dos elementos identificadores da imagem colonial por outros, que remetiam a uma imagem mais cosmopolita, traduzida pela arquitetura neoclássica. Este desejo e mais que isto, esta necessidade, irá se expressar de forma mais clara nas "Obras de Melhoramentos e Embelezamento" empreendidas por Pereira Passos no início do século XX. Tratou-

se de uma verdadeira reforma na cidade, com o alargamento e prolongamento de ruas, a abertura de outras, sempre na área central da cidade, justamente a que tinha marcada de modo mais veemente a sua feição colonial. A nova imagem teve a sua tradução legal nos decretos e leis criados, que alteravam e disciplinavam as formas de vida da população carioca, e a sua versão higiênica na reforma sanitária empreendida por Oswaldo Cruz, com o fim de acabar com as epidemias de varíola, febre amarela e peste bubônica. O combate à varíola, efetuado através da vacinação em massa, resultou na Revolta da Vacina, que segundo alguns autores, foi antes uma revolta contra tantas modificações impostas à golpes de marreta à população.

Mas a principal obra, a obra fundamental para dar à cidade uma feição capitalista, era a obra do Porto, que, juntamente com as obras de abertura da Avenida Central, havia ficado a cargo do Governo Federal.

*obra do porto*

(\*) "O conjunto de obras do porto compreendia, além da construção do novo cais, o aterro do litoral da Prainha, do Valongo e dos sacos da Gamboa e do Alferes, da Praia Formosa e ainda o prolongamento do canal do Mangue até o mar. Sobre o espaço aterrado foram construídas duas largas avenidas interligadas: a Rodrigues Alves, ao longo do cais, e a Francisco Bicalho, às margens do canal. A imensa superfície resultante foi urbanizada segundo padrões modernos: ruas largas, quadras regulares, traçado ortogonal, lotes de grandes dimensões" (10). Com isto, os bairros portuários ficaram longe do mar. A ligação do porto com a zona de comércio foi feita através da Avenida Central, criada pela demolição de uma área densamente urba

nizada do Centro. A Avenida Beira Mar completava a ligação viária com os bairros residenciais nobres da zona sul.

*Urban*

\*10 O interior do bairro da Saúde também foi atingido pelos alargamentos da rua da Prainha, que deu origem à Rua do Acre e levou junto o Aljube e a Estação das Barcas, importantes referências edificadas do lugar. Também a Rua Camerino foi alargada e prolongada e nela construiu o Jardim do Valongo, de concepção afrancesada.

*Social Porto*

\*10 As populações pobres desalojadas pelas reformas de Passos vieram em grande parte procurar abrigo na zona portuária contribuindo para aumentar a primeira favela da cidade, localizada no Morro da Providência e que, ao que parece, originou-se da necessidade de alojamento por parte dos soldados que voltaram da Guerra de Canudos.

\*10 Aos poucos a área aterrada ia sendo ocupada, embora jamais tenha realmente se integrado às áreas mais antigas. A lentidão desta ocupação contrastava com o rápido crescimento da favela da Providência, enquanto a área ocupada nos morros permanecia inalterada. A identificação do lugar como de moradia da população operária se acentuava, e como consequência indireta da modernização do Porto, surgiram aí os primeiros sindicatos da cidade, sinal da instauração das relações entre Capital e Trabalho. O surgimento de vilas, avenidas e conjuntos habitacionais representava a modernização da moradia.

Para as demais áreas da cidade as reformas de Passos foram a mola que deu impulso a todo um processo de modernização que desembocou na verticalização da cidade. Para a

área do SAGAS entretanto, elas representaram o isolamento da cidade, reforçado pela construção da Av. Presidente Vargas na década de 1940 e que fez com que esta área se mantivesse congelada, cristalizada no tempo. A criação da Av. Perimetral, em via elevada que circunda os morros da área, em 1960/70, veio compartimentar definitivamente os bairros, na medida em que os isola do Porto, elemento gerador de toda a sua ocupação, como visto. Pouco mais tarde, a ligação por via elevada do Túnel Santa Bárbara à Av. Francisco Bicalho, através do Largo do Santo Cristo, alterou a paisagem da Rua da América e estabeleceu a ligação entre a Zona Sul e a entrada da cidade, processo repetido com a construção do elevador de Paulo de Frontin.

*Av. Perimetral*  
 1970

Na área se localizam 3 terminais rodoviários — na Praça Mauá, junto à Estação D. Pedro II (Américo Fontenele) e no Santo Cristo (Rodoviária Novo Rio), um terminal marítimo — o próprio porto, e o terminal ferroviário — vários finais de linha que mostram que estes 3 bairros têm uma importante função de apoio à estrutura de transportes da cidade. Mas esta função de apoio estrutural não está só nos transportes. "Na verdade, desde os primórdios da história da cidade, sempre que algum equipamento urbano era considerado indesejado, embora fosse ao mesmo tempo indisponível e rejeitado, acabava sendo deslocado para lá. Foi para essa área que se transferiram os trapiches do sal, o mercado de escravos, a forca, a prisão, o hospital de doenças epidêmicas, o porto, os desalojados, e, bem recentemente os edifícios garagem." (11)

*Rodoviária*

Por todos estes fatores, e pela resistência aos vários projetos de modificação, que não chegaram a ser implan-

*Preservação*

tados na área, a região da Saúde, Gamboa e Santo Cristo sobreviveu como um reduto da memória carioca, memória sacramentada com a decretação da área como Área de Preservação Ambiental pelo Dec. 5459/85. Mas embora este Decreto de certa forma destine o lugar a permanecer como uma memória viva da cidade, não o faz ficar imune a modificações. Os projetos para transferência do porto para locais mais adequados à realidade atual fazem antever uma nova era de mudanças para a área, talvez não tanto físicas, mas possivelmente sociais.

ABORDAGEM DE VALORES  
CULTURAIS DAS DUAS  
ÁREAS À LUZ DE  
MACHADO DE ASSIS

O panorama encontrado na obra de Machado de Assis descreve um Rio de Janeiro que, visto por seus olhos, evidencia não só a forma e o ambiente visitados como, no aspecto que particularmente interessa a este trabalho, quem são e o que fazem os personagens que frequentam os vários locais.

Os romances de Machado de Assis foram publicados entre 1872 ("Ressurreição") e 1908 ("Memorial de Aires"). "Memórias Póstumas de Brás Cubas" e "Quincas Borba", de onde foi colhida a maior parte do material para este trabalho, datam, respectivamente, de 1881 e 1891 (12). É este, em suma, o período de tempo que a visão que neste momento se pretende dar vai abranger.

Julgo importante, ao falar em valores e na visão da parte da cidade que é abordada por este trabalho usando emprestados os olhos de um autor, apontar quais os valores que informaram estes olhos.

Socorro-me de Peregrino Júnior:

"Joaquim Maria Machado de Assis foi homem sem biografia. Nasceu a 21 de junho de 1839, no Rio de Janeiro. E no Rio viveu toda a sua longa vida, morrendo a 28 de setembro de 1908. Sua geografia espiritual teve fronteiras muito estreitas: Rio, Friburgo, Petrópolis, Minas. Vida obscura, pobre, incolor, quase ignorada, apesar das pesquisas exaustivas de R. Magalhães Júnior. Principalmente do seu nascimento e da sua infância é pouco, é quase nada o que se sabe. Segundo Graça Ara-

nha, Machado de Assis não tem história de família. Homem de origem modesta, neto de escravos, filho de pais paupérrimos — um mestiço pintor de casas e uma lavadeira portuguesa — gente da mais humilde condição — cuja infância pobre, triste, mas livre, brincou, obscura e vadia, nas encostas do morro do Livramento, nas ruas de São Cristovão, na praia da Gamboa, — Machado foi baleiro, sacristão, tipógrafo ... Mas, após uma longa fase da qual pouco se sabe — é exatamente a época melancólica da chácara do morro do Livramento, ou do sobrado triste da Rua São Luiz Gonzaga em São Cristovão; da sacristia sem pompa da Igreja da Lampadosa; do tabuleiro de balas da Saúde, da Gamboa, da Praia Formosa, dos bairros proletários da cidade — ele mergulha num período refratário de silêncio, em que a ausência de informações a respeito de sua vida é integral — para ressurgir, já rapazinho, — um mulatinho adolescente, franzino e feio, com 16 anos apenas, em 1855, nas rodas literárias da loja de livros de Paula Brito, no Largo do Rocio, frequentando o grupo do Dr. Caetano Filgueiras, que o descreve — vivo, travesso, trabalhador. Do seu itinerário profissional o que se sabe é que ele entrou em 1856, como aprendiz de tipógrafo, na Imprensa Nacional, cujo Diretor, Manuel Antonio de Almeida — o romancista das 'Memórias de um Sargento de Milícias' — o amparou com generosa simpatia, aproximando-o de Francisco Otaviano e Quintino Bocaiúva (13).

E continua o biógrafo: "Apesar de tímido, pessimista, cético, introvertido, solitário, frequenta livrarias e rodas literárias, jantares de grupos e sociedades de letras, o Grêmio de Letras e Artes, a Petalógica, o Club Literário Flu-

minense, os jantares da Panelinha e do Club Rabelais — rodinhas de artistas e redações de jornais, conquistando rapidamente situação de prestígio, de admiração, de respeito entre os seus contemporâneos. Recebe condecorações, homenagens, empregos: Cavaleiro em 1867 e Oficial da Ordem da Rosa em 1888; ajudante do Diretor do Diário Oficial (1867); membro do Conservatório Dramático em 1871; amanuense da Comissão do Dicionário Tecnológico da Marinha em 1872; 1º Oficial da Secretaria da Agricultura em 1873; em 1880 o Ministro Buarque de Macedo o nomeia oficial de Gabinete, função em que o conservou o Ministro Pedro Luís; em 1889 atinge um alto posto burocrático: o de Diretor Geral do Comércio; em 1894 passa a Diretor Geral da Viação; serve como Secretário dos Ministros Severino Vieira, Epitácio Pessoa e Alfredo Maia. Em 1902, o Governo o nomeia Diretor Geral de Contabilidade do Ministério da Viação, cargo que exerceu até morrer, em 1908". (14)

Estes os olhos através dos quais se procurará ver Saúde, Gamboa e Santo Cristo, de um lado, e Santa Teresa, de outro.

Os valores destes olhos, que se procurou aproximar, permeiam, é certo, os valores da obra em que foram colhidas as referências à cidade e, conseqüentemente, os valores agregados aos bairros objeto deste estudo; contudo, não julgo ser possível um distanciamento crítico que afaste, em qualquer trabalho envolvendo a percepção de uma dada realidade em uma dada época, os valores de que está imbuído o seu autor: importa, sim, que se tenha conhecimento destes valores, para que se possa ler

criticamente qualquer material a ser analisado.

Os livros de Machado de Assis mostram, como já disse, um Rio de Janeiro: aquele que ele viu, com os olhos e valores que possuía. Definidos estes valores, parece-me possível passar à visão propriamente dita.

E qual era esta?

Ora, Rubião, que havia recebido "não cinco, nem dez, nem vinte contos, mas tudo, o capital inteiro, especificados os bens, casas na Corte, uma em Barbacena, escravos, apólices, ações do Banco do Brasil e de outras instituições, jóias, dinheiro amoadado, livros" (15) como herdeiro universal de Quincas Borba, escolheu morar em Botafogo, e convivia com Cristiano Palha, marido de Sofia. O casal morava em Santa Teresa; "a bela dama é filha de um velho funcionário público. Casou aos vinte anos com este Cristiano de Almeida Palha, zangão da praça, que então contava vinte e cinco. O marido ganhava dinheiro, era jeitoso, ativo, e tinha o faro dos negócios e das situações. (...)

O pior é que ele despendia todo o ganho e mais. Era dado à boa xira; reuniões frequentes, vestidos caros e jóias para a mulher, adornos de casa, mormente se eram de invenção ou adoção recente, — levavam-lhe os lucros presentes e futuros." (16)

Em Santa Teresa, Sofia e Palha abriam a casa para festas; ao final, "a sala está ainda alumiada, mas por um bico de gás; apagaram-se os outros, e ia apagar-se o último, quando o Palha mandou que o criado esperasse um pouco, lá dentro". (17)

Fôra nesta mesma festa que Rubião dera a conhecer à Sofia a paixão secreta que nutria por esta: "estavam no jardim. Sofia enfiara o braço no dele, para irem ver a lua. (...) Pelas janelas abertas viam-se as outras pessoas conversando, (...) o jardim era pequeno" (18), e "a boca temerária de Rubião ia entornando na alma pasmada de Sofia" (19) palavras que vieram a ser interrompidas, para alívio da moça, pela presença do major Siqueira.

Sofia, "batendo carinhosamente no ombro do major, passou do jardim à casa; não entrou pela porta da sala de visitas, mas por outra que dava para a de jantar; de maneira que, quando chegou àquela pelo interior, era como se acabasse de dar ordens para o chá".

Pouco menos de um ano depois, "Rubião é sócio do marido de Sofia, em uma casa de importação, à rua da Alfândega, sob a firma Palha e Cia", e "muita coisa estava mudada": nos bailes, Sofia e Maria Benedita, sua prima, podiam deixar-se ficar até mais tarde, pois acabara "a desculpa de Santa Teresa, por causa da subida. A casa fica perto (...). De fato, as duas moravam agora na praia do Flamengo..." (21)

Afinal, quando se precisa viver a ostentar, a dourar o ego, "os morros serão doentios, e as praias, saudáveis". (22)

É bem verdade, porém, que, as festas, os criados, o chá e as salas de Santa Teresa, em que pese não serem saudáveis como as praias do Flamengo e Botafogo, marcam profundo contraste com a paisagem da Saúde, Gamboa e Santo Cristo.

Certos morros — e praias mesmo — se vê, àquela época, eram bem mais doentios: certa feita "acudiu à memória de Rubião que o Freitas (...) estava gravemente enfermo; Rubião chamou um tílhuri e foi visitá-lo à Praia Formosa". (23)

Quando o amigo adormeceu, "ele despediu-se da mãe, — um caco de velha, — e à porta, antes de sair:

- A senhora hade ter tido seus apertos de dinheiro, disse Rubião; e vendo-a morder o beijo e baixar os olhos: Não se envergonhe; necessidade aflige mas não envergonha. Eu o que queria era que a senhora aceitasse alguma cousa, que lhe vou deixar para acudir à despesa; pagará um dia, se puder ...

Tinha aberto a carteira; tirou seis notas de vinte mil réis, fez um bolo de todas elas, e deixou-lhe na mão. (...) Rubião sentiu toda a vantagem de não estar inválido. Reclinou-se, desabafou o peito com um grande suspiro e olhou para a praia; (...) Na vinda, mal pudera vê-la". (24)

"O cocheiro fez parar o cavalo: Rubião desceu, e disse-lhe que fosse andando devagar.

Em verdade, era curioso. Aquelas grandes braçadas de mato, brotando do lodo, e postas ali ao pé da cara do Rubião, davam-lhe vontade de ir ter com elas. Tão perto da rua ! (...) Para lá daquilo ficava a praia dos Lázarus e a de São Cristovão. Uma pernada apenas.

- Praia Formosa, murmurou ele; bem posto nome.

Entretanto, a praia ia mudando de aspecto. Do-brava para o Saco do Alferes, vinham as casas edificadas do la

do do mar. De quando em quando, não eram casas, mas canoas, encalhadas no lodo (...) (25)

"Foi ainda a pé durante longo tempo; passou o Saco do Alferes, passou a Gamboa, parou diante do cemitério dos ingleses, com os seus velhos sepulcros trepados pelo morro, e afinal chegou à Saúde. Viu ruas esguias, outras em ladeira, casas apinhadas ao longe e no alto dos morros, becos, muita casa antiga, algumas do tempo do rei, comidas, gretadas, estripadas, o caio escondido e a vida lá dentro. E tudo isso lhe dava uma sensação de nostalgia ... Nostalgia do farrapo, da vida escassa, acalcanhada e sem vexame. Mas durou pouco; o feiticeiro que andava nele transformou tudo. Era tão bom não ser pobre!" (26)

"Rubião chegou ao fim da rua da Saúde. (...) Rente com ele, passou uma mulher, não bonita, (...) antes pobre que remediada (...), e levava pela mão um menino." (27)

"- Dei uma caminhada grande; mas, sim senhor, isto aqui é bonito, é curioso; aquelas praias, aquelas ruas, é diferente dos outros bairros. Gosto disso. Hei de vir mais vezes." (28)

O cocheiro "reatou a conversação.

- Vossa senhoria está então muito admirado do bairro? disse ele. (...) não é para ofender a Vossa Senhoria, (...) mas não creio que esteja admirado do bairro. (...) Vossa Senhoria pensa que não vi a maneira porque olhou para aquela moça que passou ainda agora?" (29)

"Então, quer que eu acredite que é por gosto que uma pessoa, que tem carro às ordens, vem andando à pé des-

de a Praia de Formosa até aqui? Vossa Senhoria veio ao lugar marcado, a pessoa não veio..." (30)

"- Tal qual o moço da rua dos Inválidos, repetiu o homem. Esse veio ver uma costureira da mulher, como se fosse casado ... (...) Ele chegou como Vossa Senhoria, no meu títburi, apeou-se e entrou numa casa de rótula; disse que ia ver a costureira da mulher. (...) Agora, podia ser verdade, porque é mesmo uma costureira que mora na casa da rua da Harmonia ..."  
(31)

"O moço entrou; (...) meia hora depois vi um vulto de mulher (...); ela veio, veio, (...) ao passar pela casa, (...) nem precisou bater; foi como nas mágicas, a rótula abriu por si, e ela enfiou por ali dentro". (31)

A leitura que se faz, é, no particular, a mesma de Miécio Tati (33): "uma costureira como Dondon poderia morar, sem prejuízo de seu crédito, numa Rua da Harmonia (34) (Pedro Ernesto); como qualquer recanto da Gamboa era lugar aconselhável para romances clandestinos, que exigissem distância e discrição. Pois não fôra na Gamboa que Brás Cubas encontrara, 'expressamente feita', uma casa, para os encontros com Virgília? E que brinco de casa! 'Nova, caiada de fresco, com quatro janelas de frente e duas de cada lado — todas com venezianas cor de tijolo — trepadeira nos cantos, jardim na frente; misterio e solidão'.

Para isso eram bons esses bairros, ou para residência de um usurário, como o Falcão (35); de um homem sem pretensões, como seria o padre Bessa, do 'Memorial', que morava

na Praia Formosa, 'dentro de uma casinha baixa' (36); ou então de um padre Sã, tio de Lulu, daquela moça cujo namorado, o Pedro, passaria uma noite inteira junto do mar, a compor versos à lua (37). (...)

É verdade que um médico de prática, como o Dr. Cordeiro (38), e um advogado, como o Dr. Luis Borges (39), eram habitantes da Gamboa, mas talvez residissem — e semelhante vizinhança não convinha a Rubião — na rua onde a caboclinha Genoveva tivera sua casa — 'uma rotulazinha escura, portal rachado do sol, passando o cemitério dos Ingleses' —, a namorada infiel de Venta-Grande, o marujo. Estamos a ver Venta-Grande saindo da corveta, no Arsenal de Marinha, e caminhando pela Rua de Bragança (Conselheiro Saraiva), Prainha e Saúde, à procura do pouso da amada (40), que se mudara para a Praia Formosa, para lá do Saco do Alferes, numa rótula pintada de novo, onde vivia com um mascate de fazendas (41)".

Realmente "Cajueiros não servia: exceção feita do Dr. Mendonça, colecionador de cães (42), era incapaz de recordar-se de um conhecido socialmente acreditado que morasse por lá. Em uma das ruas desse bairro, Gil Gomes, o avarento, tivera sua casa de colchões (43), quem sabe, nas proximidades da antiga igreja de Sant'Ana, onde se casariam, em 1850, Rosina e Ernesto de tal" (44) — aquele rapaz que, "morava na Rua da Misericórdia" e, convidado à festa do Sr. Vieira, tio de Rosina, a que compareceria o subdelegado, "que além disso é comendador", ficara "pálido como um defunto" ao descobrir que deveria trajar casaca, uma vez que "não possuía uma só, (...) novanem velha". (45)

"Além do mais, ocorria um obstáculo moral," a afastar do bairro aquele que "procurava ambiente de família: na adolescência de Brás Cubas, levava-o o tio, em segredo, a uma ceia de moças, na casa de Marcela, que ficava nos Cajueiros (46) — 'meia dúzia de mulheres — todas de partido — e bonitas, cheias de graça', sem contar a espanhola, que era dona especial ... É bem verdade que, mais tarde, morará nos Cajueiros um sujeito respeitável, como o Damasceno, com quem Brás Cubas várias vezes haveria de, aos domingos, ir à missa, na capela do Livramento, ao lado de Nhã-lóló (47). O morro, por essa época, estava ainda nu de habitação, salvo o velho palacete do alto, onde era a capela': aos domingos, pelo menos, deviam ser habituais, pelos caminhos que levavam à igreja, renhidas brigas de galo, como a que se vê descrita no capítulo 'Morro abaixo', das 'Memórias', ('A briga de galos é o Jockey Club dos pobres.')

Não moraria nos Cajueiros, a não ser que estivesse disposto a namorar uma daquelas duas moças que 'passavam pelas mais atrevidas roedoras de corda que a natureza pôs' naquele bairro: Lúcia, a da Rua da Princesa (Barão de São Félix) e Mariquinhas, a da Rua do Príncipe (Senador Pompeu) (49) (50).

"Era poético, sem dúvida, mas inteiramente fora dos projetos sociais de Rubião, com o pensamento bafejado pela visão de mulheres da qualidade de Sofia" (51).

ANÁLISE CRÍTICA

Os textos extraídos de Machado de Assis nos mostram uma Santa Teresa que, se não é habitada pelos mais afortunados, também não o é pelos pobres. Um local de casa amplas, ajardinadas, servidas por criados e bicos de gás. Seus habitantes sofriam limitações de deslocamento, é certo, devido à dificuldade de acesso e, se tinham a possibilidade de migrar para bairros mais nobres, como Flamengo e Botafogo, não havia porque não fazê-lo. Estes bairros eram tidos como mais saudáveis do que Santa Teresa, por serem bafejados pelo ar marinho. Não havia, entretanto, contra este bairro qualquer obstáculo de ordem moral que desaconselhasse ser habitado por pessoas honradas e que ocupavam posição de certo destaque na sociedade. A afirmação de que "os morros serão doentios, e as praias, saudáveis" (22) deve ser entendida como parte de toda uma elaboração teórica do higienismo, que via nos morros um obstáculo à livre circulação do ar na cidade e que embasou, mais tarde, o desmonte dos morros do Castelo, do Senado e de parte do de Santo Antônio.

É curioso notar que os morros da Gamboa e da Saúde se debruçavam sobre a baía e recebiam diretamente os benefícios do ar marinho. No entanto, este benefício não os tornava propícios à moradia de pessoas "de bem". Antes, eram vistos como o lugar da malandragem, dos capoeiras, das prostitutas. Local propício aos encontros amorosos, aos "romances clandestinos que exigissem distância e discrição". (35) Habitar estes bairros, por si só, fazia pesar sobre o morador toda sor-

te de dúvidas acerca de seu caráter; afinal, mesmo que lá morassem "um médico de prática, como o Dr. Cordeiro (38), e um advogado, como o Dr. Luis Borges (39)" não eram estes os valores associados à região pela boa sociedade de então.

A região era bonita. Já na década de 1820, Maria Graham relatava: "Fui hoje, a cavalo, ao cemitério protestante na praia da Gamboa, que julgo um dos lugares mais deliciosos que jamais contemplei, dominando lindo panorama, em todas as direções" (52) O próprio Rubião, após a caminhada pela Gamboa, reconhece "... mas, sim, senhor, isto aqui é bonito, é curioso". (28)

Entretanto, o sentimento que lhe despertava era a "... nostalgia do farrapo, da vida escassa, acalcanhada e sem vexame." (26) Antes que a beleza da paisagem que dali se descortinava, o que sobressaía aos olhos que se dirigissem à Gamboa eram as casinhas acanhadas de portal rachado pelo sol, era a imagem da pobreza. O lugar "era poético, sem dúvida" (51) mas os obstáculos morais afastavam do bairro aqueles que procuravam ambiente de família.

Marli Brito Moreira de Albuquerque relata que "Costumava-se descrever os bairros que circundam o porto como sendo perigosos e até imorais, restritos ao trabalho manual e à desordem. Região povoada por negros robustos e violentos, carregadores untados de suor e possuídos pelo vício ... As pessoas 'respeitáveis' não penetravam no sítio portuário, exceto para levar a 'caridade' e a 'assistência', 'material' e 'espiritual'; num esforço para tornar aqueles homens 'civilizados' e 'afáveis' " (53)

Em suma, a região não era vista como parte da cidade, como sua continuação, mas como um quisto, um mal necessário que, se não chegava a ser preciso extirpar, também não devia ser integrado. Havia, como define Nina Rabha, (55) um bloqueio simbólico à região além do bloqueio físico que, como vimos, foi sendo reiterado por cada intervenção física que lá se fez.

Assim, esses bairros foram ficando, como que esquecidos, apartados da cidade, com uma população estável, para serem redescobertos como uma área que conseguiu escapar à fúria modernizadora das últimas décadas. E hoje, se já não têm a mesma carga simbólica a eles associada, ainda permanecem com a função de moradia escondida, sob o ponto de vista de não exercerem a atração que seria de esperar, dadas as suas vantagens de localização.

Mais, se a área portuária era tida como foco das epidemias e do vício, Santa Teresa era o local na cidade para onde se acorria justamente para fugir das epidemias e dos miasmas que tomavam conta da cidade no verão.

Para lá corriam também os estrangeiros, que identificavam o seu clima ao Europeu. Se sua ocupação foi se democratizando ao longo do séc. XX, com a instalação em suas encostas da pequena burguesia e com a proliferação de cerca de 8 favelas, a área no entanto jamais foi identificada como local de moradia de pobres. Ainda hoje é o bairro procurado por estrangeiros e também por artistas e estudantes. O bairro, ainda essencialmente residencial, possui vários restaurantes, escritórios e ateliers, possuindo uma aura de cultura a ele associada.

Um dos motivos que sempre estiveram associados à ocupação do bairro foi a proximidade do Centro, presente também no SAGAS. Mas se Santa Teresa mereceu a concessão de linhas de bonde, que facilitaram a sua ligação com a cidade, não houve o mesmo tipo de interesse em relação ao SAGAS, talvez até mesmo pela aura que já o cercava na virada do século.

Em suma, se Saúde, Gamboa e Santo Cristo de um lado e Santa Teresa de outro, se equivalem do ponto de vista geográfico, praticamente se antagonizam do ponto de vista simbólico: trabalho X lazer, doença X saúde, pobreza X riqueza.

*Conclusões*

A partir do estudo ora realizado foi possível perceber que, além dos aspectos físico-geográficos já levantados anteriormente, os aspectos culturais desempenharam um papel importante na manutenção da área, através da simbologia estabelecida pelos usos que, de maneira recorrente, foram alocados na região hoje ocupada pelos bairros da Saúde, Gamboa e Santo Cristo, que atravessou o século XX praticamente imune às radicais interrupções urbanas executadas na cidade do Rio de Janeiro.

Se o caráter da área não foi afetado pelos vários processos de modernização implementados na área central da cidade (na medida em que a obra do Porto, que das várias intervenções executadas foi a que exerceu maior influência naqueles bairros, só afetou as áreas baixas, através de aterros e modificação da tipologia do traçado urbano, não influenciando no caráter residencial das áreas elevadas), isto em muito se deveu à identificação da área como lugar de moradia de pobres, e principalmente de pessoas à margem da sociedade, como malandros, capoeiras e prostitutas. Deste modo, a área não era vista como merecedora das atenções e benesses do poder público, que ali localizava equipamentos urbanos de suporte a atividades que beneficiavam, não diretamente aqueles bairros, mas as áreas mais nobres da cidade. Exemplo disto são as ligações expressas entre a Zona Sul e a Av. Brasil, e o Centro e a Av. Brasil (Av. Perimetral) executadas através da área, e os vários terminais de transporte, que funcionam como um nó de distribuição da população que se destina aos vários bairros da cidade.

Neste quadro, repito, a área sempre foi identificada como área degradada da cidade, e a partir desta visão, aliada às práticas correntes do Planejamento Urbano nas décadas de 60/70, é possível entender que o uso residencial na zona portuária fosse apenas "tolerado", apesar, repita-se, deste uso ser consagrado nos morros daqueles bairros. Ao mesmo tempo, eram considerados "adequados", além da armazenagem inerente à atividade portuária, os usos de indústrias, guarda de veículos, etc. Esta mesma visão urbanística, de grandes intervenções e setorização da cidade, embasou o arrazamento de bairros que tinham carga simbólica semelhante à Saúde, Gamboa e Santo Cristo, como a Cidade Nova e, em menor grau, o Catumbi. Hoje a Cidade Nova permanece com enormes vazios à espera de novas construções que lhes dêem significado, ao passo que o Catumbi teve suas estruturas sociais totalmente desarticuladas pelas intervenções. Deve-se ressaltar, entretanto, o fato destes bairros ocuparem áreas planas da cidade, o que facilita sobremaneira a implantação de novas edificações e atividades.

Entretanto, ao examinar, mesmo que superficialmente, devido às características mesmas deste trabalho, as intervenções feitas, principalmente na Cidade Nova, que, parece-me, tinha uma simbologia mais aproximada da Saúde, Gamboa e Santo Cristo, nota-se que, no momento em que parece interessante ao poder público acabar com aqueles bairros, eles foram arrazados, mesmo à custa de permanecerem parcialmente desocupados até hoje.

Houve, para a área do SAGAS, um Projeto de Alinhamento, de nº 4.500, que projetava grandes intervenções na

área, mas que nunca chegou a ser implementado. Novamente, acredito, os aspectos físico-geográficos tiveram papel determinante na não implantação do PA, mas teriam sido suficientes?

Apesar de entender não haver sido esgotado o tema neste trabalho, que merece ser aprofundado em outro, de maior envergadura, penso que também fundamentou a manutenção dos bairros de Saúde, Gamboa e Santo Cristo, exatamente, a não correspondência entre os valores a ela atribuídos e a realidade da área. Ou seja, dos valores reais da área ficarem encobertos pelos valores à ela atribuídos e que, se tinham alguma correspondência em pontos determinados, como a Praça Mauá, por exemplo, não poderiam ser atribuídos à área como um todo.

Mas o processo que culminou com a cristalização dos bairros permitiu, também, que sua população se mantivesse coesa e, através da Associação de Moradores, desse início às ações que desembocaram na edição do Decreto 5459/85, de criação da Área de Proteção Ambiental dos bairros da Saúde, Gamboa e Santo Cristo.

As edificações preservadas por este decreto da ta m, em sua maioria, das últimas décadas do séc. XIX e primeiras décadas do séc. XX. A tentativa que aqui se fez foi a de analisar não só o histórico da formação da área como também a de buscar, no passado, referências culturais que permitissem perceber os valores atribuídos àquele lugar, naquela época, para poder entender melhor de que modo estes valores foram sendo reproduzidos. Daí a escolha de Machado de Assis, não só por sua trajetória pessoal, como também por tratar em seus livros exatamente do período relativo à construção das edificações ho

je preservadas, com uma agudeza que deixa à mostra o perfil das pessoas que viviam então, da própria sociedade. A leitura dos textos aponta claramente para o tipo de valorização atribuída tanto a Santa Teresa quanto ao SAGAS, e verificamos que estes valores permaneceram praticamente imutados até recentemente, que foram valores exacerbados e sempre reproduzidos, em detrimento de valores culturais positivos também existentes na região. Diz Nina Rabha: "Um lugar de pobres, sim, mas que não é centro, zona norte, sul ou subúrbio. É "cidade do interior", encravada e próxima a tudo o que uma metrópole pode oferecer." Esta proximidade, esta vantagem de localização não parece ter tido aqui o mesmo papel desempenhado em Santa Teresa, onde é louvada como um dos privilégios de seus moradores.

Então vejamos: a própria simbologia da área fez com que a mesma se mantivesse íntegra e cristalizada, quando no restante da cidade eram raros os conjuntos urbanos do início do século, na medida em que praticamente inviabilizava qualquer investimento imobiliário de maior vulto. Como vender apartamentos, escritórios ou lojas numa área que sempre tinha sido associada à marginalidade e à prostituição? A tendência era a de reproduzir sempre estes mesmos usos, até que algum elo desta cadeia fosse quebrado.

A solicitação dos moradores para que fosse revista a legislação vigente, em 1983, denota a existência de uma ameaça à integridade dos bairros. Mas se até então, apesar desta legislação indutora de mudanças estar vigendo há 6 anos, não haviam ocorrido modificações significativas, porque a ameaça? A meu ver, contribuiu para a sua existência a diluição,

por outras áreas da cidade, da carga simbólica associada à região. O estigma de marginalidade associada à pobreza, deslocou-se em parte da região do SAGAS para as favelas, que passaram a encarnar a imagem das mazelas sociais. A remoção de algumas favelas, da Zona Sul para a periferia, confirma um certo hábito de afastar da burguesia a visão da face aparente das contradições do sistema, da mesma maneira com que o feio comércio da escravidão era feito fora das vistas da boa sociedade que tinha nela o seu sustentáculo. Com a remoção das favelas para a periferia, removia-se também o estigma, agora associado a outras periferias da cidade.

A vida noturna sediada na Praça Mauã, que continuava a tradição dos encontros amorosos na área, foi deslocada em parte para a Zona Sul, notadamente Copacabana, de modo que, me parece, o escudo simbólico que dominava a área estava sendo quebrado. Neste momento, torna-se importante salientar a construção, por grande empresa do ramo imobiliário, de um empreendimento de grande porte, um Centro Empresarial de negócios, em cujo lançamento se ressaltava a existência de uma nova face, e uma nova fase, poderíamos dizer, da Praça Mauã. Ao mesmo tempo, já são desenvolvidos projetos visando o aproveitamento das áreas hoje destinadas às atividades portuárias quando da mudança do posto. A meu ver, todo este interesse mostra que já começa a haver uma modificação nos valores até então agregados à área.

O Planejamento urbano, através da definição dos usos considerados adequados e tolerados na área, reforçava a função de zona portuária, sem discriminar as especificidades

de cada região, pois, como dito anteriormente, há uma diferença fundamental entre as bases dos morros e as áreas planas — em que são predominantes os usos diretamente ligados ao porto e o comércio — das áreas elevadas, onde a moradia predomina largamente.

Assim a ameaça estava justamente na percepção de que a quebra de simbologia, que afinal funcionava como uma proteção à área, mais a legislação uniformizadora, que não levava em conta as especificidades do local, poderiam levar a mudanças significativas na região.

Com a criação da Área de Proteção Ambiental o poder público faz uma intervenção que busca, pela primeira vez, resgatar os valores culturais ligados à população local, que, como vimos, ficara subjugada pela superestrutura ideológica que apresentava a área como uma área "sem valor" ou de valores negativos.

A partir do momento em que se rompe esta superestrutura ideológica, por reconhecer a existência, naqueles bairros, de bens culturais e arquitetônicos, valores diferentes daqueles insistentemente associados à área até então, surge a possibilidade de que novos valores sejam associados à região. Ao mesmo tempo se impede que a área se renove de modo desordenado ou desvinculado de sua formação.

Neste ponto, acredito poderem existir duas possibilidades bastante distintas. A primeira seria a do resgate e valorização das festas religiosas tradicionais, dos monumentos ainda existentes relacionados à escravidão, como a Pedra

do Sal e de outros valores relacionados à população hoje residente no local.

A segunda possibilidade é a superposição de novos valores, valores de outra classe social, repetindo mais uma vez o processo de subjugação dos valores locais a outros impostos de fora. Esta possibilidade, acredito, será mais provável no caso de realmente haver mudança do porto, com a transformação da Praça Mauá em "Centro de Negócios" — que já está ocorrendo — e o carreamento, para os Armazéns da área, de eventos culturais.

**REFERÊNCIAS E NOTAS**

- (1) Rachel Jardim in "Olhos de Ver - Postais", texto de apresentação, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.
- (2) O Corredor Cultural difere das APAS por ter sido a primeira área da cidade a ser submetida a uma ação de preservação ampla e abrangente, tendo uma estrutura autônoma subordinada à Rioarte, enquanto as outras APAS estão sob a tutela do Departamento Geral de Patrimônio Cultural, ambos vinculados à Secretaria Municipal de Cultura e Esportes da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.
- (3) Nina Maria de Carvalho E. Rabha in "Cristalização e Resistência no Centro do Rio de Janeiro", Revista Rio de Janeiro nº 1 Dez/85
- (4) Elizabeth D. Cardoso e outros in "História dos Bairros — Saúde, Gamboa e Santo Cristo", Editora Index - 1987.
- (5) Oswaldo Porto Rocha in "A Era das Demolições" - Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro - 1986 - pág. 29
- (6) Oswaldo Porto Rocha - op. cit. pág. 30
- (7) idem pág. 31 e 32
- (8) Charles Dunlop - "Os Meios de Transporte do Rio Antigo" - Ministério dos Transportes - 1972 - pags. 45 a 48.
- (9) Lia de Aquino Carvalho - "Santa Teresa: a cidade na montanha", Rio de Janeiro - Departamento Geral de Patrimônio Cultural - Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro - 1988.

- (10) Elizabeth D. Cardoso e outros op. cit. pag. 101
- (11) idem pag 134
- (12) "Vida, Ascensão e Glória de Machado de Assis", Peregrino Júnior, in "Machado de Assis na palavra de Peregrino Júnior, Cândido Mota Filho, Eugenio Gomes e Aloysio de Carvalho Filho", Publicações da Universidade da Bahia, 1959, p. 15.
- (13) idem; pp. 8 e 9.
- (14) idem; pp. 9 e 10.
- (15) Machado de Assis; "Quincas Borba"; Edições Críticas de obras de Machado de Assis, v. 14; Comissão Machado de Assis; Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; Brasília, INL; 1975; p. 122.
- (16) idem; p. 144.
- (17) idem; p. 162.
- (18) idem; p. 147.
- (19) idem; p. 149.
- (20) idem; p. 151.
- (21) idem; p. 193.
- (22) idem; p. 199.
- (23) idem; p. 213

- (24) idem; p. 213.
- (25) idem; p. 214.
- (26) idem; pp. 214/215.
- (27) idem; p. 215.
- (28) idem; p.216.
- (29) idem; pp. 216/217
- (30) idem; p. 217.
- (31) idem; p. 217/218.
- (32) idem; p. 218.
- (33) Miécio Tati, "O Mundo de Machado de Assis (o Rio de Janeiro na obra de Machado de Assis)"; Coleção Cidade do Rio de Janeiro; vol. 15; Guanabara; Secretaria de Estado de Educação e Cultura, 1965, pp. 40/41.
- (34) Machado de Assis; "Quincas Borba"; W. M. Jackson, Rio de Janeiro, 1946, p. 203, citado por Miécio Tati, na obra acima referida, p. 40.
- (35) Machado de Assis; "Histórias sem Data", W. M. Jackson, Rio de Janeiro, 1955, p. 183, **apud** Miécio Tati, ob. cit., p. 41.
- (36) Machado de Assis; "Memorial de Aires"; W. M. Jackson, Rio de Janeiro, 1938, p. 110, **apud** Miécio Tati, ob. cit., p. 41.

- (37) Machado de Assis; "Histórias Românticas"; W. M. Jackson; Rio de Janeiro; 1957; p. 445; **apud** Miécio Tati, ob.cit., p. 41.
- (38) Machado de Assis, "Contos sem Data", org. e pref. R. Magalhães Jr., Rio de Janeiro; Civilização Brasileira; 1956; p. 129; **apud** Miécio Tati; ob. cit., p. 41.
- (39) Machado de Assis, "Contos Esquecidos"; org. e pref. R. Magalhães Jr., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1956, p. 197, **apud** Miécio Tati; ob. cit , p. 41.
- (40) Machado de Assis, "Histórias sem Data", cit., p. 223, **apud** Miécio Tati, ob. cit., p. 41.
- (41) idem; p. 234/5; ibidem.
- (42) Machado de Assis, "Contos Fluminenses - Vol. I", W. M. Jackson, Rio de Janeiro, 1957, p. 10, **apud** Miécio Tati, ob. cit., p. 38.
- (43) Machado de Assis, "Contos Fluminenses, Vol. II", W. M. Jackson, Rio de Janeiro, 1957, p. 231, **apud** Miécio Tati, ob. cit., p. 38.
- (44) Machado de Assis, "Ernesto de Tal", in "Histórias da Meia-Noite", Vol. II, Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 1986, p. 220, citado através de Miécio Tati, ob. cit., p. 38.
- (45) idem, pp. 204/205.
- (46) Machado de Assis, "Memórias Póstumas de Brás Cubas", W. M. Jackson, Rio de Janeiro, 1940, p. 65, **apud** Miécio Tati, ob. cit., p. 39.

- (47) idem, p. 333, ibidem.
- (48) Machado de Assis, "Contos Fluminenses, Vol II", cit.; p. 57, ibidem; p. 39.
- (49) Machado de Assis, "Contos Esquecidos", cit., p. 115, ibidem, p. 39.
- (50) Miécio Tati, ob. cit., p. 39.
- (51) idem, p. 41.
- (52) Maria Graham - "Diário de uma imagem do Brasil 1821-1824", in Elizabeth D. Cardoso e outros, op. cit., p. 42.
- (53) Marli Brito Moreira de Albuquerque - Porto do Rio de Janeiro: estigma e história, in Revista do Rio de Janeiro nº 1.
- (54) Nina Maria de Carvalho Rabha, "Cristalização e Resistência no Centro do Rio de Janeiro", 1984.